

Artigo recebido em: 14/10/2020
Artigo aprovado em: 31/03/2021
Artigo publicado em: 05/05/2021

COTIDIANO, ALTERIDADE E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

uma entrevista com Josep María Esquirol

DAILY LIFE, OTHERNESS AND CONSTRUCTION OF MEANINGS

an interview with Josep María Esquirol

COTIDIANO, ALTERIDAD Y CONSTRUCCIÓN DE SENTIDOS

una entrevista con Josep María Esquirol

Tayane Abib¹

(tayaneaabib@gmail.com)

RESUMO

Filósofo, escritor e professor na Universitat de Barcelona (UB), Josep María Esquirol tem uma trajetória de investigação que bebe das reflexões de Martin Heidegger, Jan Patočka e Emmanuel Lévinas, e uma preocupação por promover um discurso conectado ao concreto, por ele entendido como horizonte da experiência e do mundo da vida. E é no plano da cotidianidade que Esquirol levanta essa reivindicação. Desde 2005, ele publica ensaios que, circundando o grande eixo da alteridade, enfatizam a autenticidade do ritmo dos dias, que, longe de empobrecer nossa vida, carrega a profundidade dos vínculos que nos associam aos outros. Nesta entrevista, realizada no Departamento de Filosofia Teórica e Prática (UB), em 9 de outubro de 2019, Josep María Esquirol reflete sobre as noções de Filosofia da Proximidade, compreensão intersubjetiva e afetos – temas caros à discussão sobre nossa orientação existencial e nossas relações com a interculturalidade.

Palavras-chave: Filosofia da Proximidade. Cotidianidade. Alteridade. Compreensão intersubjetiva. Interculturalidade.

ABSTRACT

Philosopher, writer and professor at the Universitat de Barcelona (UB), Josep María Esquirol has a research trajectory that draws on the reflections of Martin Heidegger, Jan Patočka and Emmanuel Lévinas, and a concern for promoting a discourse connected to the concrete, for him understood as the horizon of experience and the world of life. And it is on the plane of daily life that Esquirol raises this claim. Since 2005, he has published essays that, surrounding the great axis of otherness, emphasize the authenticity of the rhythm of the days that, far from impoverishing our lives, carries the depth of the bonds that associate us with others. In this interview, held at the Department of Theoretical and Practical Philosophy (UB), on October 9, 2019, Josep María Esquirol reflects on the notions of

¹ Doutoranda em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7974405687197053>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2110-6640>.



Philosophy of Proximity, intersubjective understanding and affections - themes dear to the discussion about our existential orientation and our relationships with interculturality.

Keywords: Philosophy of proximity. Daily life. Otherness. Intersubjective comprehensive. Interculturality.

RESUMEN

Filósofo, escritor y profesor de la Universitat de Barcelona (UB), Josep María Esquirol tiene una trayectoria de investigación que se basa en las reflexiones de Martin Heidegger, Jan Patočka y Emmanuel Lévinas, y una preocupación por promover un discurso conectado al concreto, que entendió como horizonte de la experiencia y el mundo de la vida. Y es en el plano de la vida cotidiana donde Esquirol plantea esta afirmación. Desde 2005, ha publicado ensayos que, en torno al gran eje de la otredad, enfatizan la autenticidad del ritmo de los días que, lejos de empobrecer nuestras vidas, lleva la profundidad de los lazos que nos asocian con los demás. En esta entrevista, realizada en el Departamento de Filosofía Teórica y Práctica (UB), el 9 de octubre de 2019, Josep María Esquirol reflexiona sobre las nociones de Filosofía de la Proximidad, comprensión intersubjetiva y afectos, temas que son apreciados en la discusión sobre nuestra orientación existencial y nuestras relaciones con interculturalidad.

Palavras-chave: Filosofia de la Proximidad. Cotidianidad. Alteridad. Comprensión Intersubjetiva. Interculturalidad.

O QUE É IMPORTANTE SABERMOS SOBRE SUA TRAJETÓRIA REFLEXIVA?

294

Esquirol: Que a busca que sempre despertou meus trabalhos como filósofo foi justamente a de tentar colocar em relevo a riqueza do que se chama cotidianidade. E por que minha atuação segue esse sentido? Em parte porque, na filosofia contemporânea, e especialmente na filosofia do século XX, tanto por uma herança romântica como pela proliferação da perspectiva existencialista, o cotidiano passava sempre a um segundo plano, inscrito como uma dimensão mais cinza, mais medíocre, mais vinculada à homogeneidade, à uniformidade e à rotina – quer dizer, sempre assumida como um contraposto ao autêntico, como se houvesse um tipo de vida mais sincero, mais excepcional, mais extraordinário e mais brilhante, e a dimensão do cotidiano regalada como o contrário de tudo isso.

Parece-me que essa é uma visão tremendamente reducionista, porque é claro que às vezes as rotinas são duras e difíceis, quase desumanas, mas não se pode reduzir a vida cotidiana a tal significação, porque esse é um espaço que de fato – e essa é a minha defesa – tem a ver com o despertar, com, por exemplo, o compartilhar refeições com pessoas próximas, tem a ver com os cumprimentos em nossas relações interpessoais, com a orientação de nossos trabalhos; todos esses movimentos formam parte da cotidianidade. E, para mim, são ações muito valiosas. Inclusive, quando alguém



fica doente e passa uma temporada longa no hospital, é frequente associarmos a recuperação da saúde precisamente à recuperação da cotidianidade, ou seja, aqueles que estão enfermos não desejam outra coisa que seu retorno à rotina cotidiana, não?

Então aqui também está a ideia do ritmo cotidiano, e o ritmo significa o que é relativo ao dia, ao movimento do sol, a uma lentidão que é muito orientadora, que pode nos ensinar muito. E minha trajetória busca desenvolver esses temas, alicerçar um discurso filosófico no qual a cotidianidade é reconhecida e valorizada como um horizonte muito relevante da vida humana.

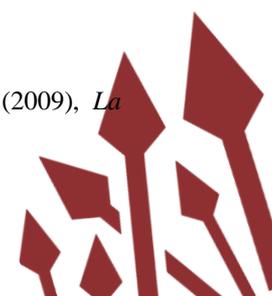
POR ISSO TAMBÉM O INTERESSE, EM SUAS OBRAS², DE DAR À FILOSOFIA CONTORNOS CONCRETOS?

Sim, claro. O concreto é o que acompanha o abstrato, quer dizer, o binômio que normalmente estabelecemos é entre o concreto e o abstrato, então o que ocorre aqui? Um tipo de desenvolvimento cultural que promove em excesso, desde o meu ponto de vista, uma espécie de discurso abstrato, cada vez mais desconectado de outra dimensão que deveria sempre lhe estar associada, que é a do concreto. Isso acontece, em geral, nas Ciências Humanas e Sociais, isto é, na Pedagogia, na Psicologia, na Sociologia, nas quais se fomentam discursos demasiadamente abstratos, e o problema não é que sejam abstratos, mas que essa abstração não se articule a um concreto. Porque o abstrato só tem sentido se mantém uma vinculação com o concreto. Abstrair significa justamente extrair algo de algo, quer dizer, do concreto. Neste sentido, é importante percebermos que associar abstrato e concreto em nossos discursos é enfatizar nossa vida mesmo, em nossas relações com as pessoas, com as coisas, com o horizonte que vemos. Se nossa abstração, ao final, desconecta-se desse plano, perde todo o sentido.

Parece-me que uma espécie de Filosofia do Cotidiano deve convergir com uma reivindicação do concreto. Não contra o abstrato, e sim como a condição de possibilidade para que o abstrato continue tendo sentido. Por isso meu trabalho, ao explorar a riqueza da cotidianidade, acaba por promover também uma espécie de apologia do concreto.

E É ESSA A CONCEPÇÃO QUE FUNDAMENTA A SUA PROPOSTA DE UMA FILOSOFIA DA PROXIMIDADE?

² Entre seus títulos, destacamos *El respeto o la mirada atenta* (2006), *El respirar de los días* (2009), *La resistencia íntima* (2015) y *La penúltima bondad: ensayo sobre la vida humana* (2018).



Sim, a proximidade é um conceito que me ajuda a construir uma mirada filosófica mais ligada à concretude. Proximidade é, digamos, um termo vago, que permite uma compreensão muito ampla. Mas, em meu pensamento, ela é assumida não apenas desde um referencial físico, ou geográfico, mas como uma capacidade de fazer com que os outros, as coisas, as circunstâncias sejam próximas para nós, sejam-nos íntimas. Intimidade e proximidade são, aqui, ideias paralelas. A capacidade de fazer com que o mundo me seja próximo é a possibilidade de lhe dar um significado, isto é, de que ele não seja neutro, não seja frio, não seja distante, ou um dado objetivo, mas que nos seja próprio, não no sentido de uma possessão, mas de uma apropriação que nos orienta, que nos ajuda a ficar bem. Por exemplo, eu desenvolvo um projeto e me sinto muito próximo a ele, porque assim me sinto bem. Quando digo “meus livros”, não é para dizer “olhe quantos livros eu tenho e são só meus”. Não, não há a ideia de propriedade, e sim de uma proximidade que me dá sentido, que me ajuda a viver. É uma proximidade existencial, que me mostra quais são os meus horizontes.

É UMA VINCULAÇÃO?

296

Exatamente. O sentido que quero passar quando falo de proximidade é o de ser capaz de vincular-se com, e nesse movimento atribuir ao mundo e à vida significações que são suas, que te ajudam a ser quem você é.

O QUE DIZER DA PRESENÇA DE ELEMENTOS DA FANTASIA OU DA IMAGINAÇÃO NESSA RELAÇÃO DE PROXIMIDADE OU VINCULAÇÃO COM A COTIDIANIDADE?

O que costumamos chamar de imaginação, a nossa capacidade simbólico-imaginativa, é um processo que desempenha funções distintas. Você pode, por exemplo, entender que a imaginação é o que te permite explorar, investigar, buscar outros mundos, que ela tem potencial de evasão, de extrapolar as fronteiras dadas, e é isso o que está em jogo quando dizemos “deixe a sua imaginação rolar solta”, isto é, “permita-se viajar”, não é mesmo?

E a imaginação pode ter, também, uma capacidade crítica, como é o caso das utopias sociais, quando você imagina outro tipo de sociedade, outro tipo de



viver, e justamente porque você é capaz de imaginar outro tipo de sociedade, *imaginar*, é que você pode fazer uma espécie de crítica à sociedade existente, na qual você está inserido. É quando você pensa “bom, isso aqui não vai bem, poderia estar de outra maneira...”. Nesse sentido a imaginação utópica te permite exercer uma posição crítica.

Se você me questionasse, diante dessas configurações, qual função do imaginário eu destacaria, te diria que, para mim, a responsabilidade essencial da imaginação é criar mundos, naquela acepção de proximidade da qual estávamos conversando, criar espaços próximos, quentes, para resistir, digamos, à intempérie existencial, ideológica. A imaginação, eu defendo, sobretudo nos protege, como um dispositivo que gera sentidos. E aqui preciso me afastar de uma interpretação que pode colocá-la como espécie de autoenganação. Não é isso. É mais como a forma que eu tenho de entender e de viver as coisas. O céu é azul, mas eu posso simbolizar, de certo modo, esse céu azul, e essa simbolização me ajuda e ajuda outras pessoas. Ou seja, eu acredito que há um tipo de vivência do que é a terra, o céu, que é simbólico, que vai além de uma descrição neutra. E o que essa função faz, basicamente, é amparar-nos, cobrir-nos.

A Filosofia é um pouco de tudo isso, quer dizer, o que significa fazer filosofia? Buscar sentido. Criar um tipo de palavra, um tipo de conceito, um tipo de discurso que nos ampare, que nos ajude a nos sentir mais protegidos, literalmente mais orientados.

QUAIS RELAÇÕES SE ESTABELECEM ENTRE SEU PENSAMENTO E A OBRA DO HISTORIADOR FRANCÊS MICHEL DE CERTEAU?

Já faz um tempo que estou nessa caminhada. Em 2006 eu publiquei o livro *El respeto o la mirada atenta*, que acredito ser o princípio de minhas reflexões mais atuais. Falei sobre a importância da atenção justamente como busca de não se perder no abstrato, de manter uma vinculação com as coisas que não são epistemológicas, e sim também afetivas. A palavra “atenção” tem essa virtude de associar, a uma vez, os movimentos de ver bem e tratar bem. Porque eu não faço dicotomia entre o conhecimento frio ou objetivo e, logo, emocional. Não. Parece-me que há algo mais radical em que a vinculação é, a uma vez, e necessariamente, objetiva e moral.

Então, a partir desse livro, comecei um itinerário que foi se desenvolvendo e interligando as ideias de atenção, de proximidade, de cotidianidade. Esses são conceitos que estão atrelados em uma mesma sintonia, que fazem parte de uma



mesma constelação. E, para traçar esse roteiro, procurei ler obras que alimentassem essa linha de pensamento; as do Michel de Certeau foram algumas delas. Sobretudo no interesse de revalorizar o cotidiano há uma coincidência. Na forma de fazê-lo, no entanto, somos distintos, ou seja, na linguagem que utilizo, nas imagens que projeto, nos diálogos teóricos que estabeleço... Digamos que escolhi outros interlocutores para estabelecer minha proposta, mas reconheço que existe uma convergência de interesses entre nossos pensamentos.

E QUAIS SERIAM ESSES INTERLOCUTORES? NOS SEUS LIVROS VOCÊ FALA QUE TEM UMA ESPÉCIE DE DÍVIDA COM EMMANUEL LÉVINAS.

Minhas reflexões se desenvolvem graças a uma espécie de diálogo, e isso não digo por questão formal ou para que soe bem. Como uma pessoa é capaz de pensar? Porque realiza diálogos com outros. E, se você tem a sorte de poder dedicar tempo ao estudo, a ler autores que buscaram discutir nossas relações com a vida e a sociedade, então se inscreve em uma dinâmica de dialogar. Seu pensar se alimentará dessas conversações, às vezes com pensadores que são afins, e me sinto muito grato quando percebo essas sintonias; mas, às vezes, o diálogo acontece com autores que não são concordantes com nosso pensamento e que, no entanto, são essenciais para avançarmos. O que quero dizer é que a não coincidência, ou um certo desacordo, também é muito frutífera para aprofundarmos nossas reflexões.

Para sinalizar dois dos intelectuais que mais alimentaram meus diálogos, sem dúvida devo mencionar Emmanuel Lévinas como o mais afim, e Friedrich Nietzsche como aquele que, mesmo não sendo coincidente, me ajudou muito a formar meu pensamento.

APROVEITANDO QUE ABORDAMOS A INFLUÊNCIA DE LÉVINAS EM SEU TRABALHO, VOCÊ ACREDITA QUE O TEMA DA ALTERIDADE É AINDA MAIS CARO AOS NOSSOS DIAS?

Penso que sim. O conceito de alteridade é um conceito mais discutido no pensamento contemporâneo. Para que serve? Por que foi cunhado? Porque se acredita haver uma tendência à homogeneidade, às vezes no mundo do pensamento, mas não só, que pode ter um caráter materialista, biologista ou sociológico... O que é mais relevante, no entanto, é que há uma homogeneização progressiva. E, diante disso, há um tipo de pensador que se dá conta da necessidade ou da urgência de sublinhar o que não pode ser



homogeneizado. Se você olha com atenção para as experiências que nós, seres humanos, fazemos, perceberá que nelas existe uma espécie de fundo inesgotável.

E como você pode denominar isso? Na tradição religiosa-cultural, utilizou-se com frequência a palavra “mistério”. Mas esse é um termo por vezes muito carregado, com o qual se entende que seja oportuno criar uma palavra nova, que não esteja tão hipotecada. A palavra “alteridade” vai nesse sentido. Refere-se a um tipo de experiência que podemos fazer de algo ou de alguém, e que não podemos esgotar, que não podemos, literalmente, dominar, explicar. Porque, ao fazê-lo, estaríamos reduzindo um fenômeno complexo, que não pode ser limitado. Precisamente, “alteridade”, “mistério” e “infinito” poderiam ser sinônimos. Alguns pensadores contemporâneos inscreveram justamente a experiência da alteridade no encontro interpessoal. Por exemplo, agora mesmo, converso com você e vejo que você é literalmente Outra, mas uma Outra muito Outra, isto é, não é somente outra pessoa, mas carrega uma alteridade em seu íntimo que é, inclusive, desconhecida para você mesma.

A alteridade é essa infinitude, ou essa incompreensão pelo inesgotável que não só está no Outro, mas também em nós mesmos.

299

É ESSA A IDEIA QUE ESTÁ NA BASE DE SEU LIVRO *UNO MISMO Y LOS OTROS* (2005), QUE DESDOBRA DE NOSSAS EXPERIÊNCIAS EXISTENCIAIS UMA PROPOSTA PARA SE PENSAR NOSSA RELAÇÃO COM A INTERCULTURALIDADE?

Sim, nele desenvolvo a ideia de que a compreensão da estranheza que carregamos em nós mesmos pode nos ajudar a compreender a estranheza do Outro, e de que essa experiência de alteridade pode ser um elemento, digamos, de orientação no sentido a relações mais respeitadas enquanto sociedade intercultural. Se eu realmente experimentar a alteridade de você como pessoa, isto é, reconhecer a sua humanidade, acredito que conseguiremos estabelecer convívios mais empáticos, tranquilos. Porque a experiência da alteridade é também ética, de respeito e reconhecimento da dignidade do Outro. E isso diz respeito a qualquer uma de nossas relações, mas nessa obra trabalho especificamente com a questão da interculturalidade.

Então observe que o centro de gravidade está na relação. Como você é você, é singularmente você, de uma forma que não posso alcançar em totalidade ou reduzir, o valor está justamente neste fluxo entre nós, nesta vinculação. A graça



está em poder trabalhar, intensificar o nosso “entre”; não está em que eu te assimile ou renuncie a mim mesmo por você, mas em que consigamos alimentar esse diálogo, a força dessa alteridade.

EM QUE CONSISTE O FENÔMENO RESPONSIVO, QUE ANTECEDE E CONDICIONA A EXPERIÊNCIA DA ALTERIDADE, E DO QUAL VOCÊ TAMBÉM FALA MUITO EM SUAS OBRAS?

Em um sentido muito básico, de que responder ao chamado do Outro é nossa necessidade e significa assumir por ele uma responsabilidade. Você pode, digamos, fechar-se a essa necessidade, pode fazer caso omissos ou ouvidos surdos a esse chamado, mas o fato é que o Outro nada mais é, para mim, que uma interpelação. Literalmente, uma interpelação. E, portanto estou em uma situação de responsabilidade no sentido de que não escolho ser responsável, simplesmente o sou. E, por assim ser, devo responder. Por que devo responder? Porque sou sujeito passivo dessa espécie de interpelação.

Lanço um exemplo simples: você me escreve um e-mail, e eu posso até não fazer caso dele, mas o caso é que você me enviou uma mensagem. Eu não posso fingir que não, isso é um fato e já me torna sujeito responsável. Porque você é uma pessoa, é um Tu que me interpela. Por isso se vincula responsabilidade com alteridade. Não porque eu sou uma pessoa boa e vou assumir responsabilidade por você. Não, aqui é diferente. O Outro me interpela como Outro, e, já desde esse momento, que é, digamos, imemorial, eu sou responsável.

E QUANTO À POSSIBILIDADE DE RECIPROCIDADE NAS RELAÇÕES?

Em outro sentido, haverá simetria e haverá reciprocidade, mas nessa configuração de fenômeno responsivo e responsabilidade de que acabamos de falar, não. Veja: você me envia algo, me envia uma palavra, e eu não lhe digo nada. Você é que me envia algo. Então, aqui, nesse momento, a relação é assimétrica. Alguém bate à minha porta, e eu posso abrir ou não, mas não posso agir como se não me tivessem chamado. A situação de quem bate à porta e de quem recebe, portanto, é diferente. A estrutura da responsabilidade, em essência e em origem, é assimétrica. Isso não significa que, logo, a relação possa se desenrolar em um sentido ulterior, em que se estabelece um tipo de simetria, mas, na base, a responsabilidade que vem do fenômeno responsivo não é recíproca.



DIANTE DO EXPOSTO, A COMPREENSÃO INTERSUBJETIVA É ALCANÇÁVEL?

A palavra “compreensão” é uma palavra muito radical e importante, porém, às vezes, com contornos muito vagos. Compreender é uma expressão que pode ser, eu diria, bastante ambiciosa. Significa, desde o ponto de vista etimológico, *com* como um movimento de abraçar algo, e *prender* como um tomar ou pegar; então seria o movimento de abraçar algo para tomá-lo, envolvê-lo. Compreender o Outro nesse sentido de aproximar-se dele para, pelo menos, reconhecer que é um Tu que está te interpelando obviamente é possível, e é preciso. Aqui assumimos o compreender em configuração, digamos, um pouco mais humilde, como um aproximar-se do Outro para reconhecê-lo como Outro, e esse é um movimento cada vez mais necessário.

Agora, se compreender ganha o estatuto de explicar o Outro, na crença de que é possível entendê-lo perfeitamente, então não, a compreensão intersubjetiva não acontecerá, porque em tal chave esse Outro terá sua figura reduzida. Se você quer compreender totalmente, no sentido forte, o Outro, esse Outro deixará de ser Outro. Estará reduzido, pois a lógica não pode ser de assimilação. Mas isso, em realidade, nem ocorre: quando uma relação é verdadeiramente interpessoal, é algo imediato ver que o Outro é muito Outro, uma fonte inesgotável, que eu não poderia chegar a compreendê-lo nunca totalmente. Porque a alteridade é esse infinito, essa profundidade que me escapa. E é imperioso compreender que devemos ser capazes desse movimento, para preservar a singularidade das pessoas.

LUIS CARLOS RESTREPO, FILÓSOFO E PSIQUIATRA COLOMBIANO, FAZ CRÍTICAS AO QUE DENOMINA DE “ANALFABETISMO AFETIVO” DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL, REIVINDICANDO O DIREITO À TERNURA COMO URGÊNCIA DE NOSSOS DIAS. O SENTIR OCUPA UM PLANO SECUNDÁRIO EM NOSSAS DISCUSSÕES?

Eu não sou partidário de diferenciar entre, por uma parte, a inteligência mais calculista, ou racional, e, por outra, a parte afetiva. Acredito que essas fronteiras podem ser demasiadamente artificiais, e por isso meu caminho filosófico busca alcançar um nível em que não sejam possíveis diferenciações.



Em alguns pensadores, essa ideia vai aparecer como uma razão cordial, isto é, com contornos afetivos. Mas é preciso ter cuidado para que esse modo de pensar não passe a ideia de que a racionalidade é dividida, como se houvesse uma parte objetiva sobre a qual se encaixasse uma mais emotiva, e, então, diante de determinado problema, intensificássemos a camada emotiva, e quando já estivéssemos fartos de emoção retornássemos ao nível mais calculista. Não, não penso que seja assim.

Acredito que a questão de fundo nessa discussão é a falta de profundidade em nós mesmos, na compreensão do que é a situação humana e do que é o ser humano. E nos entendermos melhor seria nos darmos conta de que o fundamento é, a uma só vez, epistemológico e afetivo. Carrega essa espécie de raiz comum, para dizer de outro modo.

Tendo pontuado isso, poderia responder à sua pergunta positivamente. Penso que nosso mundo carece de ternura, de doçura. Doçura é um termo que também me agrada, muito utilizado pelos monges na primeira época do cristianismo. Sim, seguramente vivemos com essa falta de afetos.

AFETOS NO SENTIDO DE RECONHECER-SE VULNERÁVEL, DEIXAR-SE AFETAR?

302

Exatamente. De fato, a doçura é fruto da afetação, quer dizer, é porque Tu me chega como Tu, sujeito singular, que meu tratamento, minha resposta, será mais amável. Se você agir comigo de modo impessoal, irei tratá-lo da mesma forma, mas é porque Tu me vem como Tu que eu, então, faço o movimento de ser mais doce, ou mais terno, com você.

E, PARA ENCERRAR, QUAIS SÃO AS INQUIETAÇÕES QUE MOVEM O SEU PENSAR?

Às vezes dizemos “o que você faz?” ou “por que se dedica à filosofia” porque tendemos a enxergá-la como um saber particular, um saber entre saberes, estruturado como disciplina em meio a outras disciplinas, como uma faculdade junto a outras faculdades. Claro, assim nos fizemos academicamente; nossa cultura atual desenvolveu essa espécie de substantivação, mas isso não dá conta do real sentido da filosofia. Desde o meu ponto de vista, a filosofia não é um saber relativo a alguns poucos, mas sim à situação humana, isto é, nós todos somos filósofos, porque buscamos encontrar sentido



para nossas vidas, e a filosofia nada mais é do que esse chamado a buscar sentidos, orientação. É isso o que nos move enquanto seres humanos. Por que eu leio? Porque quero saber até onde ir, o que fazer com a minha vida, como conduzi-la. Diante de temas profundos, como antes conversávamos sobre as relações interpessoais, o que é que podemos fazer? Aproximar-nos um pouco. Um pouco que, no entanto, é muito, e é o que nos ajudará a encontrar um sentido, a habitar melhor nossas vidas, a agir em favor dos demais.

Acredito que, quando eu escrevo livros ou leciono na Universitat de Barcelona, é por estar movido por esses pensamentos, pela expectativa de que minhas interpretações podem também ajudar outras pessoas a fazer frente às intempéries da vida, a mobilizar seus sentidos.

E O COTIDIANO É UM BOM ESPAÇO PARA VER ESSA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS?

Para mim, é o espaço por excelência.



REFERÊNCIAS

- ESQUIROL, Josep María. *Uno mismo y los otros: de las experiencias existenciales a la interculturalidad*. Barcelona: Herder Editorial, 2005.
- ESQUIROL, Josep María. *El respeto o la mirada atenta*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2006.
- ESQUIROL, Josep María. *El respirar de los días*. Barcelona: Paidós, 2009.
- ESQUIROL, Josep María. *La resistencia íntima: ensayo de una filosofía de la proximidad*. Barcelona: Acantilado, 2015.
- ESQUIROL, Josep María. *La penúltima bondat: assaig sobre la vida humana*. Barcelona: Quaderns Crema, 2018.

